

DIÁLOGOS CULTURAIS E NARRATIVOS: A ORALIDADE NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA NO CONTEXTO ESCOLAR DE UMA ESCOLA DOURADENSE

Lucilene A. Gagliotti Segatel (orientanda)¹

Adma Cristhina Salles de Oliveira (orientadora)²

Área Temática de pesquisa: 800.00.00-2

Resumo: Esta pesquisa procurou investigar e compreender a questão afrodescendente, para além da pigmentação da pele, volta-se para a origem cultural, para a identidade afro-brasileira. Por meio das narrativas, buscamos interpretar as identidades e as vozes, no ensino básico de uma escola douradense, bem como a sua construção histórica e cultural (arte, dança, religião, alimentação, memória), no contexto escolar. Utilizamos dos aportes teóricos dos diálogos culturais, e dos conceitos literários, para relacionar e compreender as dificuldades do afrodescendente na construção de sua identidade.

Palavras-chave: Afrodescendente. Memória. Cultura.

Introdução

O objetivo geral da pesquisa é compreender como as relações comportamentais e culturais afrodescendentes ocorrem em um ambiente escolar. Entender o universo afro-brasileiro no contexto escolar, a partir da observação das relações sociais (aluno, discurso, professor, coordenador) como um todo. Nesta apresentação fizemos um recorte para contemplar o sentido das narrativas de um professor, que foram analisadas sob a perspectiva cultural da identidade, relacionando conceitos da literatura, no entendimento dos relatos. Essa temática contempla a lei 10.693/03, obrigatória na inclusão da História da África e da Cultura Afro-Brasileira no currículo escolar das escolas públicas e particulares da educação básica.

A legitimidade desta lei contempla e fundamenta a proposta do nosso projeto, o qual utilizou deste instrumento legal, para colaborar na construção da consciência identitária afro-brasileira. No entanto, a lei 10.693/03 merece destaque em nossas práticas pedagógicas, por ter sido utilizada nos relatos orais, cooperando no entendimento dos aportes teóricos e metodológicos que auxiliaram a compreensão dos relatos memoriais dos sujeitos envolvidos.

¹ Acadêmica do Curso de Letras Port./Inglês da UEMS, Unidade Universitária de Dourados. E-mail: lu.segatel@hotmail.com Bolsista do PIBIC-UEMS.

² Professora Orientadora do curso de Letras da UEMS, Unidade Universitária de Dourados. E-mail: adma@uems.br

A atividade de oralidade permitiu a reflexão, integração, inclusão do afrodescendente com melhorias individuais e coletivas, colaborou na socialização do ambiente escolar como formadora da consciência de igualdade de direitos e deveres de todo cidadão brasileiro.

Material e Métodos

A apropriação da história oral, foi um precioso instrumento pedagógico para compreender o sentido do discurso de gestores e professores. Essa temática propôs diretamente e indiretamente o envolvimento desses sujeitos inseridos na socialização escolar, valorizando o respeito e a importância das diferenças culturais de toda a nação afro-brasileira. A partir das narrativas orais, foi possível a comprovação de todo o processo de construção coletiva. Minayo (1994, p. 22) ao falar sobre o trabalho de registro da oralidade, considera importante que:

O objeto de investigação social, o pesquisador deve considerar que as pessoas envolvidas no processo de pesquisa são [...] sujeitos de estudo, pessoas em determinadas condições sociais, pertencentes a determinado grupo social ou classe com suas crenças, valores e significados, e que esse objeto apresenta-se em permanente estado de transformação.

Neste caso, os sujeitos envolvidos com suas declarações comprovam a sua relação com o ato pedagógico, e com os instrumentos utilizados. Suas respostas se cruzam ao longo de suas narrativas, alguns dos depoentes são mais detalhistas, outros são pontuais, diretos contudentes.

O registro dessa experiência educacional, neste trabalho, se dá por meio dos depoimentos do professor, que marca sua voz, a partir do compromisso com situações da problemática afro-brasileira na educação. O relato do professor pode apresentar versões diferentes sobre o mesmo objeto. Os depoimentos narrados aproximam-se de uma análise interpretativa das relações sociais, percebemos um diálogo com os interstícios³ entre o texto e a sociedade, e o texto e a história de vida, acreditando constituir a construção e compreensão da identidade afro-brasileira.

É importante ressaltar que de modo nenhum o fenótipo da raça e nem suas atribuições da raça, define a identidade afrodescendente ou afro-brasileira, ela é sim um conjunto de práticas culturais, religiosas e políticas. (HALL, 2005). A construção desta identidade

³ Este termo é utilizado por alguns teóricos que acreditam que o texto literário, e porque não dizer as narrações, são bons por serem bem escritos, apresentando uma linguagem criativa porque utilizam-se “os espaços em branco” para partilhar das questões sociais, o que enriquece as possibilidades de leitura e de interpretação, sendo que nem toda corrente que se intitula “crítica sociológica” ou “sociocrítica” partilha este ponto de vista, tal conceito de crítica sociológica é influenciado por Antonio Candido.

constitui-se a história desse grupo, das vozes do local da cultura, o qual está inserido (BHABHA, 1998). A importância dessas vozes se dá pelo resgate memorial da história, do que fomos? O que somos? E o que queremos? Enquanto sujeitos colonizados. Compreender como somos constituídos e como nos constituem como sujeitos sociais, e as influências culturais recebidas ao longo do tempo. Estas indagações são pertinentes para entendermos o memorial, a temporalidade das narrativas coletadas de uma escola do ensino básico de Dourados. Nossa metodologia coletou narrativas por meio de diálogos, e entrevistas diretas, transcritas em sua oralidade, respeitando as variações linguísticas, a mesma desvela interjeições, negação, aos conflitos e contradições em relação a identidade. Escolhemos a análise ilustrativa de uma das perguntas para este texto: Como a escola pode contribuir na formação da identidade do afro descendente? De que maneira?

Resultados e Discussão

Destacamos nessa análise discursiva a resposta só do professor, que aponta elementos contundentes sobre a identidade afrodescendente e sua importância quanto à responsabilidade de uma formação de consciência, relatado na narrativa abaixo:

Eu acho que a escola na verdade é só parte que ela pode fazer né, acho que a grande responsabilidade é a família, a família, o estado, com projetos que viabilizem assim de forma que a criança, o adolescente possam se reconhecer e aceitar a sua cor, a sua condição, o que infelizmente, o grande problema é que eles não se aceita. Eu vou te dar um exemplo: **Eu tenho um sobrinho que está morando comigo agora, ele tem quatro anos, ele tá indo agora no CEIN, e ele é negro, afro descendente, bem moreninho, até a gente acaba sendo preconceituoso, fala moreninho, mas é preto, negro né? E a gente tem medo de manifestar, você que interessante, que nós temos medo de manifesta né?** Então ai esse dia ele chegou em casa e disse: Não quero ser preto, eu quero ser branquinho. Então eu já percebi na sala dele, que ele é o único pretinho, assim de cor bem preta, escurinho, os outros é tudo branquinho, então alguma coisa deve ter acontecido ali dentro, ele deve ter olhado! Peraí, só eu sou diferente. Então realmente é uma barreira muito grande, mas eu acho que a escola pode ter projetos, incentivo à música, escrever, ela pode desenvolver projetos que levem esses alunos a estarem escrevendo o que eles passam. Por que não desenvolver um projeto no sentido de escrever o que realmente eles sentem, o que pensam, a história da vida dele? Fazer um histórico da vida dele. (grifos nossos)

Na análise desta narrativa, observamos que o professor demonstra, neste primeiro fragmento grifado, a consciência do trabalho a ser executado, no entanto o discurso também induz ao entendimento de que a escola não é a única instituição responsável pela construção histórica cultural dos problemas afrodescendentes. A construção identitária do ser afrodescendente pertence à sociedade como um todo (família, Estado, escola). Embora saiba

que o maior problema é o sujeito “negro” se reconhecer como “ser negro”, isto é construído no conceito social, de acordo com o entrevistado.

Na segunda narrativa o depoimento grifado apresenta a continuidade do pensamento discursivo, os problemas da identidade “negra”. Interpretando o discurso narrativo do professor, o mesmo apropria-se da sua história de vida, o que nos dá margem a abordar não só a crítica sociológica, mas também uma crítica biográfica de reconhecimento do “ser negro”.

Na literatura temos György Luckács, Mikhail Bakhtin e Antonio Candido, estes renomados teóricos marxistas, defendem a relação entre a sociedade e a literatura na construção textual, aspectos necessários para crítica literária. Para Luckács, (*apud* SILVA, 2009) o texto narrativo é reflexo de um todo social, a forma como a sociedade está sistematicamente “montada” e “organizada”. Outro que comunga do mesmo pensamento social é Bakhtin, (*apud* SILVA, 2009) ele afirma que a voz de quem narra não é isenta, as ideias e valores do enunciado, são construídos por valores e ideias ligadas a “instituições sociais”, há um diálogo do sujeito com a família, a escola, o mesmo pertencem a um contexto sócio – histórico. Na obra intitulada, *Literatura e Sociedade*, Candido (1985) privilegia o fator estético e literário, como princípio para a crítica literária.

No contexto pesquisado, consideramos que as práticas culturais refletem e agregam a necessidade do discurso. O texto narrado tem fator valorativo às possibilidades psicológicas, religiosas e linguísticas, as mesmas enriquecem a interpretação do texto e provocam uma reflexão nos conceitos e preconceitos sociais.

Conclusões

As pesquisas na área dos estudos culturais apontam que a herança cultural transmitida e conservada por longo períodos nos levam a um olhar depreciativo ou de apagamento em relação às outras culturas. Quando tais ações não fazem parte do nosso cotidiano, criticamos e discriminamos o comportamento oposto ao nosso. No caso da cultura africana Laraia, (2009, p.75) afirma:

Os africanos removidos violentamente do seu continente (ou seja, do seu ecossistema e do seu contexto cultural) e transportados como escravos para uma terra estranha habitada por pessoas de fenótipia, costumes e línguas diferentes, perdiam toda motivação de continuar vivos, muitos foram os suicídios praticados, e outros acabavam sendo mortos pelo mal que foi denominado de banzo. Traduzido como saudade, o banzo é de fato uma forma de morte decorrente da apatia.

Podemos considerar que este apagamento da identidade, da dúvida de ser negro, ou não, poder ser considerado um suicídio inconsciente do ser africano ou afro-brasileiro. Fator

este herdado do deslocamento de desterritorialização, qual Hommi Bhabha (1998) denomina de diáspora territorial. O binarismo opressor/oprimido, colonizador/colonizado, materializa-se por meio do exercício das práticas culturais determinando a noção do que é moral, de valores, do comportamento social. O que será certo em uma cultura poderá não ser em outra, são os diferentes olhares do binarismo.

A visão ou opinião de um mesmo tema pode se mostrar bastante diferente, nas suas narrativas, os discursos dos envolvidos apontam para diferentes problemas ou soluções na questão do afrodescendente. Percebemos que o conceito e posicionamento quanto a essas questões podem ser diferentes, mas direcionam para um único propósito, a formação da identidade do afro-brasileiro como integrante da sociedade e valorizado nas suas diferenças.

Agradecimentos

Agradecemos à divisão de pesquisa da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, pelo fomento desta pesquisa PIBIC/UEMS.

Referências

BHABHA, K. Homi. 1998. *O local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

CANDIDO, Antonio. 1985. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: 2ª Ed. Companhia editora Nacional.

HALL, Stuart. 2005. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Trad. SILVA, Tomaz Tadeu da; LOURO, Guaracira Lopes. 10. ed. Rio de Janeiro: DP& A.

LARAIA, Roque de Barros. 2009. *Cultura um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. 1994. *Teoria e Método e Criatividade*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

SILVA, Marisa Corrêa. 2009. Crítica Sociológica. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. Ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem.